

Sob a religiosidade, a proximidade do povo com o poder

SÃO PAULO — Que significado tiveram as manifestações populares diante do Instituto do Coração enquanto Tancredo Neves esteve internado? Por vezes, surgia a comparação inevitável: a morte de Tancredo não causaria comoção semelhante a que ocorreu após o suicídio de Getúlio Vargas, em 25 de agosto de 1954?

O sociólogo José de Souza Martins, titular das disciplinas Sociologia da Vida Cotidiana e Sociologia do Campesinato do Departamento de Ciências Sociais da USP — que em 1974 dirigiu a pesquisa “O dia em que o doutor Getúlio morreu”, para reconstituir a memória popular sobre a data — dá outro significado às manifestações de religiosidade, esperança ou consternação que diariamente ocorriam diante do hospital.

— Era mais ou menos previsível que essa romaria ocorresse com Tancredo Neves ou sem ele. Durante muito tempo, a população se viu impedida ou com medo de se manifestar livremente, mesmo que fosse para rezar publicamente. O povo se sente agora mais perto do poder. Basta lembrar que nos períodos de doença do ex-Presidente Figueiredo o povo não manifestou nenhuma emoção, pois sentia um

abismo em relação ao poder — comentou Martins.

Segundo o sociólogo, o que motivou as manifestações — que reuniam desde pobres à pessoas das camadas médias, católicos, umbandistas, budistas e pentecostais — foi uma ansiedade de participação e de desmistificação do poder.

José de Souza Martins disse que, ao contrário do que muitos pensam, não houve um surto de misticismo, mas a mobilização “de tudo o que o povo tem, inclusive o misticismo, para construir a humanização do poder”.

Diferentemente do que ocorreu com a morte de Getúlio, quando as massas saíram às ruas desorientadas, José de Souza Martins disse que os funerais de Tancredo Neves serão como um espetáculo político organizado, do qual o público se sentirá participante.

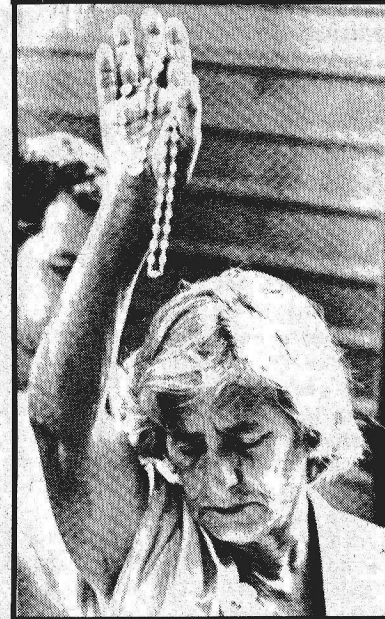
Martins, organizador do livro “A morte e os mortos na sociedade brasileira”, publicado em 1983, lembra que a partir dos anos 70 os funerais de personalidades políticas importantes, como Juscelino Kubitschek e artistas famosos, passaram a ter estrutura de espetáculos nos quais o público é elemento integrante.

Em 1954, ao contrário, os populares não souberam o que fazer, andando pelas ruas sem direção definida.

No dia 25 de agosto de 1954, as camadas populares sentiram-se órfãs e desorientadas porque, segundo o sociólogo, projetava em Getúlio Vargas a imagem de um político que falava em nome do povo e, em condição de igualdade, com os poderosos, em uma sociedade em que o poder lhes era inacessível. Na interpretação de Martins, figuras carismáticas, como Getúlio e Jânio Quadros, não eram lideranças, mas representações de anseios populares.

Além disso, a morte de Getúlio se deu em um quadro político confuso, que marcou o começo da desagregação do pacto de 1946, de difícil sustentação, que se consumaria em 1964.

— Agora não estamos no fim de uma era, mas no começo de outra, quando se articula a construção de uma nova ordem política. Em 1954, a classe operária era comparativamente frágil, hoje as populações urbanas manifestam maturidade política e têm condições de pensar o poder, separando-o da pessoa do governante.



O misticismo da mulher que ergue o terço, na ansiedade do casal que espera uma notícia do rádio e no desespero da que chora.